

Uma publicação do Instituto Genildo Batista



O Instituto Genildo Batista – IGB solicitou a **Franco Patrignani***, do Partido Democrático da Itália, que escolhesse um tema e escrevesse para o **INFORMA-SE 32**.

Franco é autor do livro “**Democracia Necessária - uma agenda para a mudança**”, no qual questiona “o que significa mudança? Mudar para quê? Mudar como?”, reflete sobre as “doenças sociais”: desigualdade, ignorância e indiferença e sobre quais seriam os melhores remédios para tratá-las.

[Para adquirir o livro Clique Aqui](#)

Franco, que vive em Vitória, no Espírito Santo, **nos brinda com um texto sobre Movimentos Sociais e Governo**, a partir da sua percepção, vivência e experiências na Itália e no Brasil.

O agradecemos por sua valiosa contribuição!

Solicitamos que leiam, debatam e divulguem o INFORMA-SE número 32



MOVIMENTOS SOCIAIS E GOVERNO DE ESQUERDA

Incertezas, limitações e responsabilidades

A **avalanche de inovações** que afetam a coexistência social em todas as partes do mundo - e as nossas próprias existências pessoais - **torna cada vez mais complicado ter pontos de referência estáveis.**

Parecem faltar os **elementos de análise para definir a fase histórica atual**, as **ferramentas para intervir eficazmente** e até os **sujeitos de referência para com quem construir a mudança.**

Não apenas **vivemos na incerteza**, mas **nos encontramos naquela estranha situação em que todo novo caminho de análise parece interessante, mas ao mesmo tempo sentimos que é limitado, insuficiente**, e assim, cada vez mais, **acabamos participando de mudanças de importância histórica, apenas como espectadores**, sem poder ser protagonistas ou pelo menos atores.

Este estado de desconforto está afetando a esquerda em todo o mundo.

A **esquerda brasileira que, por expressar um governo, que se coloca em contratendência do que acontece no resto do mundo, nesta fase está no centro das atenções internacionais.**

Isto aumenta ainda mais as nossas responsabilidades.

De onde derivam as dificuldades?

Franco Patrignani afirma: **as dificuldades de que falo não derivam apenas das mudanças globais, infelizmente passam também pelos acontecimentos quotidianos que se tornam o indicador tangível das mudanças dos valores éticos e das práticas políticas.**

Cito dois casos recentes, que considero exemplares, para refletir.

O **primeiro caso** diz respeito às **eleições em São Paulo**: basta que apareça um **ser abjeto, vindo do nada** - na verdade, **de uma quadrilha criminosa** - para conseguir envenenar o clima de confronto eleitoral da capital. Esta <<aparição>> **perturbou um processo regular que teria dado a São Paulo, com boas probabilidades, um líder popular apreciado e competente.** No **outro caso**, a **atitude zombeteira de um desprezível oligarca global, Elon Musk**, foi suficiente para **questionar a atuação de um juiz que pretende corretamente afirmar a dignidade republicana do Brasil.**

Em todo caso é sempre bom lembrar que **Guilherme Boulos 50 foi o deputado federal mais votado em São Paulo nas últimas eleições federais.**

O **elemento mais marcante** é o **entusiasmo de vários segmentos da população que se manifesta a favor de Marçal** e, no segundo caso, a **atitude de um bom número de comentaristas nacionais que, em nome da liberdade de expressão, tomaram a campo para defender a insolência do magnata todo-poderoso, contra a atuação do ministro Alexandre de Moraes, magistrado odiado pela direita local.**

São situações diferentes, mas têm em comum o questionamento dos parâmetros da convivência democrática.

Além de questionarem os parâmetros da convivência democrática situações como as citadas são também, de acordo com Franco Patrignani ...

... fatos que desorientam as lideranças, colocam em dificuldade a militância e, essencialmente, fragilizam as expressões mais vivas da sociedade. As consequências podem ser imaginadas. Na verdade, nós os vivenciamos, todos os dias, diretamente.

**Então, o que fazer?
Claro que não existem receitas.**

Não existem **soluções simples** para **problemas complexos**. No entanto, sabemos, por experiência direta, que **no choque constante entre a iniciativa política dos governos progressistas e as restrições “de ferro” do chamado mercado, a mobilização dos movimentos sociais é decisiva.**

A mobilização de massas não só tem a função de unir em apoio a **objetivos ideais definidos**, mas também **de trazer o debate político de volta às questões centrais sentidas primeiramente pelas populações**. Em vez disso, **o mecanismo que é acionado atualmente parece ser de sinal oposto.**

Diante das dificuldades de participação e da possibilidade de impactar, a **escolha, por inércia, desliza para a resignação e a renúncia**. Ou a **outra opção é buscar refúgio no próprio <<particular social>>**.

Diante das dificuldades de participação e da possibilidade de impactar qual a tendência mais comum?

Segundo Franco... parece ser a tendência mais comum atualmente: **o fechamento dentro do próprio grupo, na própria convicção ideológica**, daqueles que pensam como nós (as redes sociais e os grupos de WhatsApp facilitam isso), mas também no **nosso movimento identitário** ou na **nossa categoria profissional** e no **próprio sindicato**.

No entanto, **nos últimos anos, apesar das condições de isolamento impostas pela pandemia, conseguimos expressar um nível de organização exemplar, realizando manifestações em massa em todo o Brasil com total segurança.**

É preciso dizer que, **naquela fase, tínhamos um objetivo unificador que não permitia hesitações**. O governo Bolsonaro com as suas políticas perversas, tinha de ser travado: **era preciso bloquear o genocídio que, como sempre, tem uma conotação de classe.**

Saímos dessa situação, num crescendo importante, com a **campanha “Lula Presidente”**, mas, **depois da vitória, depois da grande alegria, da festa das nossas almas ocorreu uma espécie de depressão.**

No entanto, todos concordamos que **a fase atual não permite crises.**

Resistência ao avanço da direita na Itália: o que diz Franco Patrignani?

Acompanho daqui o que está acontecendo com meus companheiros italianos.

Há dois anos, a direita venceu as eleições.

O motivo para se sentir derrotados seria mais justificável e, em parte, é.

Os partidos de centro-esquerda estão a reorganizar-se, tentando construir uma frente antifascista.

Atualmente, porém, tudo o que se fez foi construir alianças eleitorais.

O debate político está, portanto, mais centrado nisto, esquecendo, também neste caso, a riqueza do tecido social italiano, onde a sociedade civil manteve a sua vivacidade e não pode, não deve ser deixada deslizar para a direita.

Acredito que também em Itália a frente de resistência ao avanço da direita está precisamente na sociedade civil e tudo não deve ser deixado só nas mãos dos líderes dos partidos, que estão muito ocupados a reunir as percentagens necessárias para construir futuras maiorias parlamentares.

O trabalho eleitoral, o trabalho de base e a Alternativa Democrática Antifascista segundo Franco...

O trabalho eleitoral é um trabalho precioso, claro, que não pode ser desprezado, mas o trabalho de base, com as pessoas comuns, é fundamental para preparar, a partir de baixo, a alternativa democrática antifascista.

Uma coligação que, para ser verdadeiramente antifascista, deve ser uma alternativa ao neoliberalismo.

Voltando ao Brasil, muitos comportamentos indicam que as lideranças dos movimentos sociais estão confiando a tarefa de direcionar a mudança ao Governo e, em particular, ao Presidente Lula, esquecendo que para governar ou mesmo para realizar boas mediações, Lula precisa do apoio social dos movimentos a serem mobilizados e expressarem as reais necessidades dos grupos populares.

É um papel que cabe aos movimentos sociais e certamente aos sindicatos, e em particular às Centrais.

EMBATE GOVERNO E PARLAMENTO Qual o papel dos Movimentos Sociais ?



Franco Patrignani conclui o presente texto afirmando...

As categorias individualmente podem obter bons resultados nas renovações de acordos coletivos, mas se continuarem ausentes dos embates entre **Governo e Parlamento** (da Bolsa Família ao papel do Banco Central, das políticas industriais às políticas ambientais e políticas fiscais) **todo tipo de conquista, toda mobilização local acaba sendo um fim em si mesma.**

**E QUE EM VEZ DISSO,
PRECISAMOS...**

Em vez disso, precisamos ...

... retomar o fio das lutas com clareza de objetivos. Unificá-los e torná-los capazes de exercer forte pressão sobre o parlamento e sobre cada um dos parlamentares.

**Uma tarefa complexa?
Sim, mas não impossível.**

Não fazê-lo é, neste momento, de uma gravidade histórica única; o risco é deixar a iniciativa de base para a direita.

***Franco Patrignani**

Sociólogo e Sindicalista italiano.

Atualmente Secretário do Círculo de Vitória do PD (Partido Democrático da Itália)

Edição e Diagramação

Lujan Maria Bacelar de Miranda